ARTE



CONQUISTA

SOLUÇÃO EDUCACIONAL POSITIVO

ENSINO FUNDAMENTAL

9º ANO – 3º VOLUME

EDITORA POSITIVO

Conquista – Solução Educacional Positivo
© texto: Arte: Manisther Motta Bello e Paulo César Motta Bello
© projeto gráfico: Vicente Design
© ilustração de abertura: DKD Estudio
© imagens de abertura de unidade: Corel Stock Photos, Folhapress/Moacyr Lopes Junior, Folhapress/Sérgio Lima e Fabio Colombini
© ilustrações: DKD Estudio e Raksonu
Direitos de publicação © 2014 Editora Positivo Ltda.

Diretor Superintendente	Rubén Formighieri
Diretor-Geral	Emerson Walter dos Santos
Diretora Comercial	Stela Maris Martin de Oliveira Macchin
Diretor Editorial	Joseph Razouk Junior
Gerente Editorial	Maria Elenice Costa Dantas
Gerente de Conteúdo	João Rocker Neto
Gerente de Arte e Iconografia	Claudia Espósito Godoy
Supervisão Editorial	Cristina Kercher
Edição de Conteúdo	Luciana Eastwood Romagnoli
Edição de Texto	Emanuella Kalil
Supervisão de Arte	Karina Hollanda
Analista de Arte	Bianca Cecília Projet
Edição de Arte	Cassiano Darela
Editoração	Sinal Gráfico
Revisão	Sandra Regina de Souza (Coord.) Mariana Bordignon Alessandra Cavalli Estache
Pesquisa iconográfica	Jhennyfer Pertile
Engenharia de Produto	Solange Szabelski Druszcz

PRODUÇÃO
Editora Positivo Ltda.
Rua Major Heitor Guimarães, 174 – Seminário
80440-120 – Curitiba – PR
Tel.: (0XX41) 3312-3500
Site: www.editorapositivo.com.br

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Gráfica e Editora Reprint Ltda.
Rua Senador Accioly Filho, 500
81310-000 – Curitiba – PR
Tel.: (0xx41) 3212-5451
E-mail: posprint@positivo.com.br
Impresso no Brasil
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

2014

Todos os direitos reservados à Editora Positivo Ltda.

Dados Internacionais para Catalogação na Publicação (CIP)
(Maria Teresa A. Gonzati / CRB 9-1584 / Curitiba, PR, Brasil)

B446 Bello, Manisther Motta
Conquista : Solução Educacional Positivo : arte, 9º ano / Manisther Motta Bello, Paulo César Motta Bello ; ilustrações DKD Estudio, Raksonu. – Curitiba : Positivo, 2014.
v. 3 : il.

ISBN 978-85-385-8999-0 (Livro do aluno)
ISBN 978-85-385-9000-2 (Livro do professor)

1. Arte. 2. Ensino fundamental – Currículos. I. Bello, Paulo César Motta. II. DKD Estudio. III. Raksonu. IV. Título.

CDU 372.8



EDITORA POSITIVO

Sumário

3. LINGUAGENS DA ARTE 4

Musical 5

Máscara 10

Simetria 11

- Eixos de simetria 11
- Simetria do rosto 14

Alguns elementos de composição 17

- Equilíbrio 17
- Ritmo e movimento 19

Técnicas de pintura 21

- Aquarela 21
- Guache 22
- Acrílica 23

Proporção 24

Arte cinematográfica 27

- Taumatrópio 27
- Animação 29
- Cinema brasileiro 32



©IVO Estúdio, 2014, Digital



3. LINGUAGENS DA ARTE

Getty Images/iStockphoto



Getty Images/iStockphoto



Getty Images/Moviedirit

formas híbridas: resultantes da mistura ou do cruzamento de duas ou mais linguagens distintas, mantendo características de ambas.

A arte se expressa por meio de muitas linguagens. Essas linguagens são sistemas que produzem sentidos, das mais variadas formas, combinando elementos sonoros, visuais e verbais. A Música, a Dança, o Teatro e as Artes Visuais, assim como a Literatura, o Cinema e a Fotografia, são algumas dessas linguagens artísticas com as quais a trajetória humana já foi registrada, pensada, imaginada e reinventada.

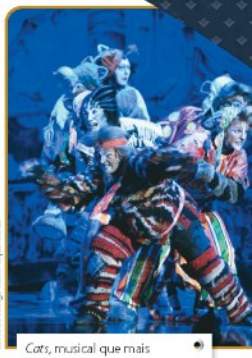
Desde as pinturas nas cavernas até as imagens digitais, a arte adquiriu novas configurações e, hoje, é cada vez mais difícil traçar os limites em que uma linguagem artística começa e outra termina. Fotografia, Cinema, Artes Visuais, Música, Dança e Teatro misturam-se dos mais diversos modos e integram-se em diferentes formas de expressão. São as chamadas **formas híbridas**.

Musical 1

O musical é um gênero de espetáculo artístico que integra a Música, a Dança, o Teatro e as Artes Visuais, de modo que cada uma dessas linguagens seja importante para compor o todo.

Historicamente, o musical descende da ópera e da opereta. Nos tempos atuais, o principal centro produtor desse gênero é a Broadway, uma rua repleta de teatros, localizada na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, que está para os musicais assim como Hollywood está para o cinema. Lá, alcançaram a fama clássicos do gênero musical estadunidense – como *Cats*, *Chicago*, *A bela e a fera* e *O fantasma da ópera* –, além de montagens mais recentes – como *O rei leão* –, que recebem versões em diversos países.

No Brasil, o teatro musical ganhou formas próprias a partir dos anos de 1960, com um forte teor político, em resistência ao regime militar. São dessa época os musicais *Roda viva*, *Ópera do malandro* e *Gota d'água* (além da versão em português para o musical infantil *Os saltimbancos*), criados por Chico Buarque; *Pobre menina rica* e *Orfeu da Conceição*, parcerias de Vinicius de Moraes com Carlos Lyra e Tom Jobim, respectivamente.



Latitude/Imago Stock People/Alamy

Cats, musical que mais tempo permanece em cartaz na Broadway, em Nova Iorque.

Ainda nesse período, o teatro brasileiro recebeu alguns espetáculos da Broadway.



Folhapress/Folha Imagem/Lew Merlet

Ópera do malandro, de Chico Buarque, dirigida por Luís Antônio Martinez Correa, no Rio de Janeiro.

A censura implantada pela Ditadura Militar limitou as produções nacionais por algumas décadas. Nos anos de 1980, houve o retorno do gênero, primeiramente por meio das iniciativas da atriz Cláudia Raia, mais influenciada pelas maneiras estadunidenses, e posteriormente com mais investimento em temas brasileiros.



Thiago Sinha Imagem/Folha Grupo

Tim Maia: vale tudo, o musical, dirigido por João Fonseca, no Rio de Janeiro.

Aos poucos, surgiram produções de outros artistas, como *Ó abre alas* (1998), de Maria Adelaide Amaral, e *Chico Viola* (1998), de Luiz Arthur Nunes. A criação de musicais inspirados na obra de músicos importantes para a história do país, como Chiquinha Gonzaga, voltou a acontecer no século XXI, com obras sobre Tim Maia, Elis Regina, Renato Russo, Cazuza, entre outros.

Nos anos 2000, a cidade de São Paulo, principalmente, tornou-se mercado para os grandes musicais produzidos nos moldes da Broadway, gerando sucesso de bilheteria. Por isso, os artistas brasileiros começaram a buscar preparo triplo: atuação, canto e dança são competências raramente utilizadas ao mesmo tempo.

Embora os musicais sejam montados e apresentados no mundo todo, os mais representativos, além da Broadway, em Nova Iorque, acontecem no West End, em Londres, e na França. Muitas dessas obras foram e estão sendo recriadas por companhias brasileiras, especialmente nos grandes centros urbanos, como São Paulo e Rio de Janeiro.

Atividade 2

Em sua opinião, há diferenças entre um musical da Broadway e um feito no Brasil? Para responder a essa pergunta, pesquise em canais de vídeos e acervos de imagens algumas montagens famosas dos dois países. Depois, faça sua análise. Responda também: é importante criar musicais brasileiros?

Catálogo do artista 3

Vinicius de Moraes (1913-1980), o "poetinha", como ficou conhecido, nasceu na cidade do Rio de Janeiro. Compositor, poeta e diplomata, ele começou a escrever versos na época em que estava na escola. Em 1928, compôs o **foxtrote** brasileiro "Loura ou morena", com o parceiro Haroldo Tapajós, sua primeira criação como letrista a ganhar registro. Depois, veio a "Canção da noite", em parceria com Paulo Tapajós.

foxtrote: estilo de dança de salão alegre e para casais, criado nos Estados Unidos, no início do século XX.

Após um bacharelado em Letras, em 1930 Vinicius entrou na faculdade de Direito. Em 1933, publicou seu primeiro livro de poemas. Recebeu bolsa para estudar fora do país e regressou em 1939, com o início da Segunda Guerra Mundial. Ao retornar, já era reconhecido como poeta por escritores como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. Mais tarde, seguiu carreira diplomática e atuou em Los Angeles (EUA) como vice-cônsul. Trabalhou também em Paris e Montevidéu.

Na década de 1960, Vinicius compôs em parceria com Carlos Lyra, Pixinguinha e Baden Powell e fez *shows* com grandes nomes da MPB, como Antônio Carlos Jobim e João Gilberto. A obra do poeta ampliou-se em direção ao cinema e teatro. Na peça *Orfeu da Conceição*, adaptou o mito grego para o cotidiano carioca.



Alex Ingr/FOLHA IMAGEM

Vinícius de Moraes durante apresentação

Na música, Vinicius desempenhou papel marcante também na Bossa Nova. É de sua autoria, em parceria com Tom Jobim, a composição "Chega de saudade", que se tornou o marco do movimento, ao ser gravada em 1958.

Durante o regime militar, foi exonerado do Ministério das Relações Exteriores. Em 1970, iniciou-se sua parceria com o compositor Toquinho, com quem fez *shows* pela Europa e por todo o Brasil. Entre suas obras mais conhecidas, estão o poema "Soneto de fidelidade" – mais tarde recitado como parte da música "Eu sei que vou te amar" –, a canção "Garota de Ipanema" e as músicas e poemas do álbum *A arca de Noé*.

4

O gato

Com um lindo salto
Lesto e seguro
O gato passa
Do chão ao muro
Logo mudando
De opinião
Passa de novo
Do muro ao chão
E pega corre
Bem de mansinho
Atrás de um pobre
De um passarinho
Súbito, para
Como assombrado
Depois dispara
Pula de lado
E quando tudo
Se lhe fatiga
Toma o seu banho
Passando a língua
Pela barriga.



MORAES, Vinicius de. *A arca de Noé*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1970.

História de uma gata

[...]
O meu mundo era o apartamento
Detefon, almofada e trato
Todo dia filé-mignon
Ou mesmo um bom filé... de gato
Me diziam, todo momento
Fique em casa, não tome vento
Mas é duro ficar na sua
Quando à luz da Lua
Tantos gatos pela rua
Toda a noite vão cantando assim

Nós, gatos, já nascemos pobres
Porém, já nascemos livres
Senhor, senhora ou senhorio
Felino, não reconhecerás

De manhã eu voltei pra casa
Fui barrada na portaria
Sem filé e sem almofada

Por causa da cantoria
Mas agora o meu dia a dia
É no meio da gataria
Pela rua virando lata
Eu sou mais eu, mais gata
Numa louca serenata
Que de noite sai cantando assim
[...]



Capa do disco *Os saltimbancos*, com versão em português de Chico Buarque.

ENRIQUEZ, Luiz; BARDOTTI, Sérgio. História de uma gata. In: CHICO BUARQUE. *Os saltimbancos*. São Paulo: Universal Music, 1977. 1 CD digital (32 min 29 s). Faixa 5.



5

É comum animais protagonizarem obras artísticas, e alguns autores atribuírem-lhes ações e sentimentos humanos. Uma reunião de gatos é o ponto de partida de *Cats*, musical composto por Andrew Lloyd Webber, baseado em poemas de T. S. Eliot. Sua estreia aconteceu em Londres, em 1981, mas o sucesso se deu na Broadway, em Nova Iorque. Em grupo, pesquisem canções do musical *Cats* e poemas de T. S. Eliot traduzidos para o português. Apresentem essas obras ao restante da turma.

Depois, inspirado por criações como a de Webber, o poema de Vinicius de Moraes e a canção do musical *Os saltimbancos*, escolha um animal e crie um poema, uma canção ou uma cena de musical no qual ele seja personagem.

Catálogo do artista 6

O fantasma da ópera é um romance de terror do escritor francês **Gaston Leroux** (1868-1927), publicado em 1911. Conta a história de um fantasma que ronda o edifício da Ópera de Paris, planeja transformar uma jovem soprano na principal estrela da casa e vingar-se das pessoas que roubaram uma composição musical de sua autoria.



SHUTTERSTOCK/SOLE GUNAWAN/CREATIVE

Curiosamente, o romance foi rejeitado pela crítica. O público, no entanto, se encantou com a triste história de um fantasma cantor. Até hoje, a história é cantada e contada em filmes e no teatro.

Gaston Leroux nasceu em 1868, em Paris, França. Formou-se em Direito, atuou no jornalismo e, mais tarde, como escritor. Seu primeiro livro foi publicado em 1903.

Máscara 7



Getty Images/Stuart Gregory | Contrast

O protagonista de *O fantasma da ópera* usa uma máscara para ocultar uma deformidade na face. Ao longo da história do teatro, a máscara foi amplamente usada, assumindo diversas funções. Ela esteve presente desde as primeiras manifestações dessa arte.

Um exemplo no Oriente é o teatro de Bali, no qual as máscaras eram confeccionadas por sacerdotes, após dias de meditação. Elas tinham um valor místico e eram feitas com a madeira de árvores consideradas sagradas. As máscaras determinavam os personagens, que se dividiam em três tipos: heróis, monstros e palhaços.

No Ocidente, a máscara aparece ligada à mitologia no teatro grego. Era usada em rituais ao deus Dionísio; depois, nas tragédias, servia para a representação dos deuses. Na *commedia dell'arte*, a máscara é fundamental para identificar o "tipo" representado. No teatro contemporâneo, a máscara assume velhas e novas funções, em criações de grupos como o Odin Teatret, da Dinamarca; o Putxinelis Claca, de Barcelona; e o Mummenschanz, da Suíça, entre outros.

arquétipo: modelo ou padrão existente no campo das ideias, que pode ser reproduzido em objetos semelhantes e imperfeitos.

A máscara é basicamente algo que encobre uma parte ou todo o rosto. Por isso, diz-se que o nariz do palhaço é a menor máscara do mundo. Ela é capaz de transformar o indivíduo em um tipo ou **arquétipo**.

Pode ser:

- facial – recobre todo o rosto;
- meia-máscara – recobre metade do rosto;
- parcial – recobre menos da metade do rosto;
- corporal – recobre todo o corpo (ou quase).

Além disso, as máscaras podem ter expressões realistas, expressionistas, abstratas ou neutras.



Ilustração: Ivan Wolff

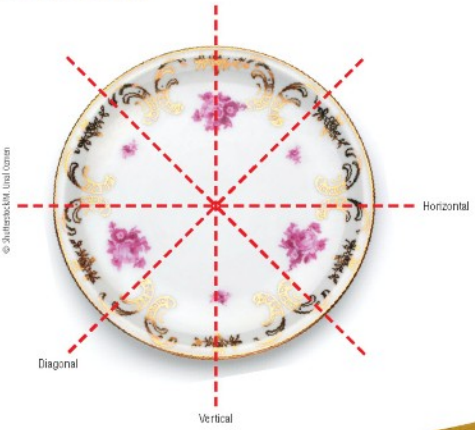
Atividade 8

O fantasma da ópera usava a máscara por uma questão de vaidade. Em sua opinião, qual a relação entre máscara, beleza e simetria?

Simetria 9

Uma composição é simétrica quando suas partes opostas são idênticas e os eixos apresentam equilíbrio. Considerando os eixos de simetria, observe:

Eixos de simetria



Na imagem a seguir, nota-se que as partes não são idênticas em relação ao eixo de simetria horizontal. No entanto, podemos considerá-la simétrica quanto à forma, pois seus lados são semelhantes, ou seja, muito parecidos, de tal maneira que não provocam desequilíbrio visual.



Corel Stock Photo

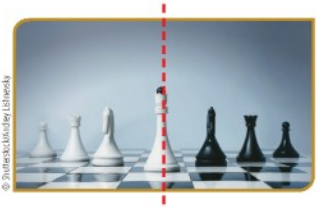
Templo maia de Kukulcán, Chichén Itzá, México

Eixo horizontal



© Shutterstock/Morgan Lane Photography

Eixo vertical



© Shutterstock/Andrey Lobanenka

Eixos diagonais



© Shutterstock/Concept Photo

Atividade 10

Busque em revistas, jornais e fotografias imagens com simetrias diversas. Em seguida, desenhe os traços principais dessas figuras, identificando os eixos das simetrias.

Eixo horizontal

Eixo vertical

Eixos diagonais

Simetria do rosto 11



Coleção de Artes Visuais do Instituto de Estudos Brasileiros da USP/Fotografo Jesco Preschoff

MALFATTI, Anita. *Autorretrato*. 1922.
1 pastel sobre papelão, color., 36,5 cm × 25,5 cm.
Coleção de Artes Visuais, Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo. (Detalhe).

Existem diversas técnicas para o desenho de rostos. Algumas exploram regras de proporção, simetria e formas geométricas. A seguir, algumas dicas para desenhar um rosto com simetria e proporção.

Geometrização do rosto

Observe o rosto pintado por Anita Malfatti. Veja que ele tem forma oval e está contido em um retângulo, com altura superior à largura. Note que dividimos essa forma oval na horizontal em quatro partes iguais e, na vertical, em duas partes iguais:

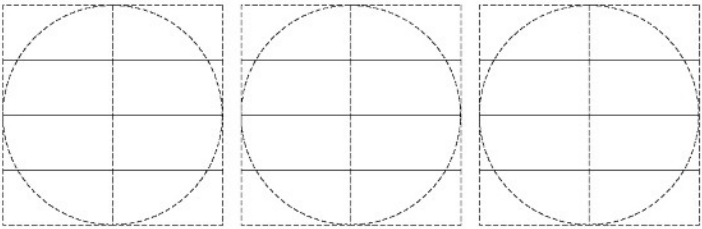
- a primeira divisão horizontal vai até o início da testa;
- a segunda, do início da testa até o centro dos olhos;
- a terceira, do centro dos olhos até um pouco abaixo do nariz;
- a quarta, entre o nariz e a boca até a base do queixo;
- a primeira divisão vertical compreende o lado esquerdo da face;
- a segunda, o lado direito da face.

Atividade 12

1. Busque, em revistas ou jornais, três imagens com expressões semelhantes às dos esboços a seguir.



2. Desenhe os traços principais das imagens que você encontrou.



3. Agora, explorando o desenho ou a colagem dos detalhes de um rosto, faça uma interferência na obra de Tarsila do Amaral, compondo as expressões do rosto com simetria ou assimetria.

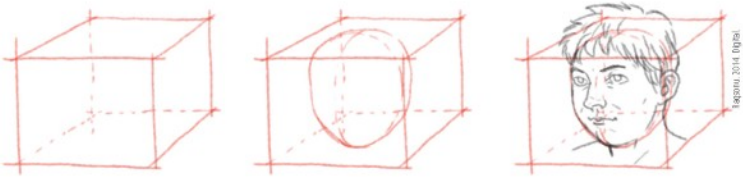


Coleção Fundação Edith Pessoa

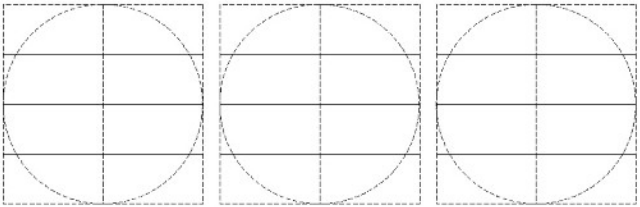
AMARAL, Tarsila do. *A família*. 1925. 1 óleo sobre tela, color., 79 cm × 101,5 cm. Coleção particular.

ARTE NA PRÁTICA

Que tal fazer um retrato? Observe os esboços a seguir.



No primeiro gabarito, esboce os traços iniciais ou gerais de um rosto. No segundo, evidencie as expressões e, no terceiro, crie elementos que caracterizem a personagem, como óculos, bigode, cabelo, sobrancelhas, etc.



Você pode utilizar uma fotografia ou uma obra de arte como referência.



AMARAL, Tarsila do. *Autorretrato*. 1923. 1 óleo sobre tela, color., 71,5 cm × 60 cm. Museu de Belas Artes, Rio de Janeiro.

Alguns elementos de composição

Equilíbrio 13

Uma composição apresenta equilíbrio quando os elementos visuais que a constituem (pontos, linhas, formas ou cores) compõem uma imagem harmônica, com pesos visuais (veja explicação na próxima página) que se compensam em relação a um eixo imaginário, ou seja, quando as forças de atração visual estão equilibradas entre os lados desse eixo.

Os tipos básicos de equilíbrio são:

- **simétrico** – obtido por meio da distribuição simétrica e idêntica dos elementos de um lado e do outro do eixo imaginário central (seja ele vertical ou horizontal). Um lado é como se fosse o espelho do outro, isso faz com que o equilíbrio visual seja idêntico em ambos os lados. Esse tipo de equilíbrio dá uma sensação de estabilidade, solidez e uniformidade ao observador, mas é possível também que seja criada uma impressão de monotonia.
- **assimétrico** – ocorre quando o peso visual e a atração do olhar do observador, em cada um dos lados do eixo, se encontram em equilíbrio, embora os elementos presentes nesses lados não sejam idênticos ou estejam posicionados diferentemente. Por exemplo, uma forma circular grande de um lado do eixo pode se encontrar em equilíbrio com uma pequena forma circular do outro lado; um grande quadrado preto pode ser balanceado com um pequeno quadrado vermelho; uma grande e grossa linha pode ser equilibrada com uma fina e pequena, etc. A disposição desses elementos no espaço cria tensão e confere movimento à composição. Esse tipo de equilíbrio tende a colocar o olho do observador em movimento, despertando a curiosidade e levando-o a querer explorar melhor a composição.

Observe os exemplos abaixo. Qual é de simetria? E de assimetria? Na imagem dos caranguejos, qual dos dois chama mais atenção? 14



© iStockphoto/PHOTOCREO Michal Bednarek

Arco do Triunfo, na Avenida Champs Elisées, em Paris



© iStockphoto/pyethphoto

Dois pequenos caranguejos na areia da praia

Dessa forma, para entender o equilíbrio, é necessário analisar diversos fatores visuais que se encontram conectados entre si: peso visual, posição e disposição dos elementos no plano em que está inscrito (quadro, folha de papel, etc.). De acordo com Robin Landa, o peso é definido como uma força visual ou **peso visual**, que se relaciona à quantidade relativa de atração visual, importância ou ênfase que um elemento possui na composição como um todo.

Cada elemento em uma composição possui energia – uma impressão de força, resistência ou peso. O tamanho, formato, luminosidade, cor e textura [...], tudo contribui para o peso visual de um elemento. [...] Fatores que afetam o peso visual:

- Orientação e localização do elemento dentro do formato [plano, quadro, folha, etc.]
- Linha de visão (atração direcional)
- Tamanho e formato de um elemento
- Se o elemento é uma figura ou fundo
- Cor: matiz [ex.: vermelho, azul, amarelo], luminosidade [da cor escura à cor clara], saturação [vermelho-puro, vermelho-claro ou com branco] e temperatura [quente ou fria]
- Textura
- Densidade ou número de elementos em uma dada área
- Isolamento ou ênfase de um elemento da composição (ponto focal)
- Agrupamentos (grupos iguais; um grupo de várias pequenas formas pode contrabalançar um forma grande)

[...]

Uma forma grande é mais pesada em comparação com uma pequena [da mesma cor]



O preto geralmente pesa mais que o branco



Padrões: texturas ou estampas possuem mais peso visual se comparadas com formas sem padrão



Tons foscos têm pouco peso; tons brilhantes têm forte peso



Cores calmas/frias pesam menos do que cores estimulantes/quentes



Trata-se do local de interesse em uma obra visual, para onde o olhar do observador se dirige ao examiná-la pela primeira vez.

LANDA, Robin. *Graphic design solutions*. Boston: Cengage Learning, 2013. p. 31. (Tradução nossa).

Ritmo e movimento

O ritmo é algo que existe naturalmente, como nas águas de um rio que correm de forma constante, no trote de um cavalo ou no andar cadenciado de alguém. Na arte ou no *design*, de acordo com Digolo e Orchardson-Mazrui, existem basicamente três formas de criar ritmo e movimento em uma composição: repetição, alternância e progressão.

» **Repetição** – criando linhas, formas, cores, texturas ou luminosidade de forma repetitiva, com intervalos normalmente regulares, o artista pode conferir ritmo e movimento. Esse tipo de padrão geralmente produz um efeito de monotonia:





» **Alternância** – criação de arranjos nos quais os elementos sejam dispostos de modo alternado. O ritmo e o movimento criados dessa forma tendem a ter um caráter mais estimulante e produzem um resultado visual interessante. Os elementos se tornam ainda mais atraentes se houver variação de tamanho, forma, cor, textura, etc.:

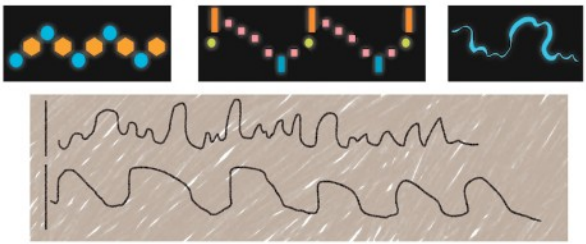
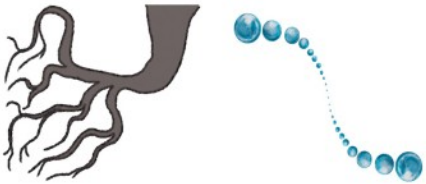


Ilustração: Racoon, 2014. Digital.

» **Progressão** – nesse tipo, o ritmo e o movimento são dados pelo fluxo de elementos que mudam de modo gradual em uma sequência. Por exemplo: formas circulares que são representadas cada vez menores, ou uma linha que vai ficando cada vez mais fina, e depois volta à sua largura original, entre outros. Nas mudanças graduais, é importante que as formas sejam dispostas em uma sequência ordenada:



ARTE NA PRÁTICA

No espaço abaixo, crie uma composição visual jogando com as possibilidades de simetria e assimetria, ritmo e movimento. Trabalhe com a ideia de peso visual e lembre-se de utilizar pontos ou elementos gráficos semelhantes entre si.

Técnicas de pintura 15

Aquarela

Aquarela é um tipo de pintura que tem como principal característica a transparência dos pigmentos. É feita com uma mistura de pigmentos, goma-arábica e água, que serve para dissolver a tinta e deixá-la mais fluida. O resultado é uma pintura luminosa e leve. A aquarela é aplicada em papel especial, que pode ou não ser umedecido antes da execução do trabalho. Não existe o pigmento branco. A intensidade da cor depende da quantidade de água adicionada, e o branco da pintura vem do próprio papel usado como suporte.

Observe, no trabalho de Cícero Dias, a luminosidade e a transparência:



DIAS, Cícero. *Senhores da terra*. 1928. 1 aquarela, color., 50 cm × 46 cm. Coleção Carlos Ermirny, Rio de Janeiro.

Os pincéis próprios para a pintura em aquarela variam de tamanho conforme a necessidade de cobertura. Devem ser macios, de preferência de pelo de marta.

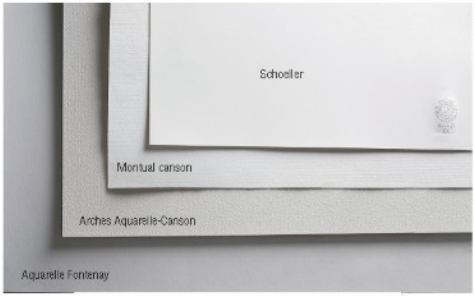
A tinta é vendida em tubos ou pastilhas e deve ser diluída antes de aplicada.





Fotos: Photos.com

Tintas e pincéis para aquarela



Fotos: F. Imagens/Prth

Tipos de papéis utilizados para pintura em aquarela

Além do pincel, a pintura com aquarela permite a utilização de diversos materiais, como esponja, escova de dentes, haste flexível de algodão, estêncil, etc. Observe:

Fotos: F. Imagens/Prth



Guache

Pintura feita com uma mistura de pigmentos, goma-arábica e glicerina. A diferença em relação à aquarela é que o guache tem grande poder de cobertura e é opaco.

O guache é encontrado em tubos ou potes. Os pincéis mais recomendados para a pintura devem ter pelo macio e espessuras das cerdas diferentes, como os números 2, 4 e 8. Um cuidado recomendável é aplicar a tinta sobre papel grosso, pois o papel fino pode enrugar.

Fotos: F. Imagens/Prth







Tintas guache e pincéis para esse tipo de pintura

O resultado de uma pintura com guache se aproxima do obtido quando se usa tinta óleo. Observe um trabalho que mistura guache e pastel (à esquerda) e outro feito com têmpera, uma tinta bem semelhante ao guache.



DEGAS, Edgar. *No café-concerto, a canção do cão* [ca. 1875]. 1 guache e pastel sobre monotipia, color., 57,5 cm × 45,4 cm. Coleção particular, Nova Iorque.



VOLPI, Alfredo. *Capelinha de São João* [ca. 1940]. 1 têmpera sobre tela, color., 81 cm × 65 cm. Coleção particular, São Paulo.

Acrílica

A tinta acrílica é composta de uma emulsão sintética líquida e pigmentos. Sua consistência é cremosa. Enquanto está úmida, pode ser diluída em água; depois de seca, não é mais solúvel em água.

Pode ser encontrada em tubos ou potes. Suas cores são fortes e brilhantes. Os pincéis utilizados devem ter cerdas duras para a aplicação da tinta espessa. Quando diluída, utilizam-se pincéis com cerdas mais macias. Os tamanhos variam conforme o tipo de cobertura desejada.

A característica mais importante da tinta acrílica é a rapidez de secagem. Em aproximadamente 30 minutos, está totalmente seca, possibilitando a aplicação de outra camada de tinta sem que haja mistura com a anterior. Assim como a tinta óleo e a aquarela, quando diluída, torna-se transparente.



LEMOS, Fernando. *Hã-hã?* 1999. 1 acrílica sobre tela, color., 120 cm × 120 cm. Coleção particular.

Proporção 16

Uma bola de tênis só é pequena se comparada a uma bola de basquete. Para uma formiga, a bola de tênis é tão grande quanto um prédio de 20 andares para o ser humano.

Em uma ilustração, quando a pessoa parece maior do que a casa, podemos concluir que essa pessoa é um gigante ou o desenho está desproporcional. Da mesma maneira, em um rosto, os olhos podem ser grandes ou pequenos em relação à boca.

Desenhar um rosto com proporção significa comparar os tamanhos dos olhos, da boca e do nariz uns com os outros, buscando as relações de tamanho para estabelecer o equilíbrio com o todo.

Proporção, portanto, é a relação entre as partes em uma composição.

Catálogo do artista 17

Fernando Botero (1932-) é um artista reconhecido por pintar pessoas diferentes do padrão usual, mostrando outra visão da beleza. Note-se que não são apenas os humanos que ganham formas arredondadas, como vemos no quadro *Uma família*.



BOTERO, Fernando. *Uma família*. 1989. 1 óleo sobre tela, color., 241 cm × 195 cm. Coleção particular.

Nascido na Colômbia, ele explora em suas pinturas a sensualidade dos volumes. Essa exaltação do volume é feita em imagens que transmitem leveza e uma percepção lúdica do mundo, com cores vivas.

Em sua obra alegre e bem-humorada, Botero retrata dor e prazer, unindo a ingenuidade à ironia e à sátira, muitas vezes, em imagens que podem ser lidas como comentários críticos sobre a vida em sociedade. O artista também ficou conhecido por suas paródias, recriando obras de artistas consagrados internacionalmente, como *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci.

18 **Gustavo Machado Rosa** (1946-) é pintor, gravador e desenhista. Ele explora a estética do cartum, do desenho animado, da caricatura e dos desenhos infantis para recriar o cotidiano brasileiro em suas obras. Em cada cena, Rosa mistura exatidão, rudeza e simplicidade em um mundo cheio de cor. As formas arredondadas expressam alegria e humor, evidenciados pela harmonia de cores.

Dessa maneira, o artista transforma as fraquezas humanas em aceitação do diferente, do irregular e do disforme. Faz uma crítica singela, que confere humanidade aos personagens.



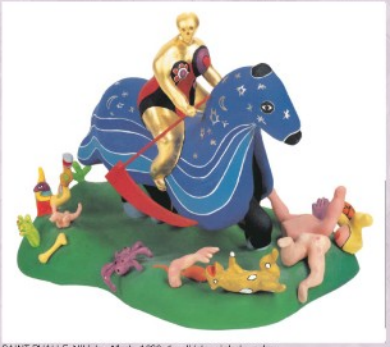
ROSA, Gustavo. *Turista*. 1999. 1 óleo sobre tela, color., 65 cm × 80 cm. Coleção particular.

Ao expressar a intimidade do cotidiano, Gustavo Rosa cria uma linguagem rica e sofisticada para falar da simplicidade da vida por meio de um vocabulário visual claro e complexo ao mesmo tempo.

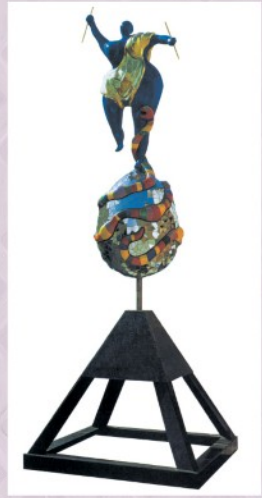
Atividade

Observe as obras de Fernando Botero e Gustavo Rosa apresentadas neste livro, inclusive as do material de apoio. Pesquise outras pinturas dos mesmos artistas. Depois, responda: como Botero trabalha a proporção em suas pinturas? E como Gustavo Rosa cria equilíbrio em suas composições?

Catálogo do artista 19



SAINT PHALLE, Niki de. *Morte*. 1990. 1 poliéster pintado, color., 34,3 cm × 45,7 cm × 26,7 cm. Coleção particular.



SAINT PHALLE, Niki de. *O mundo*. 1989. 1 poliéster pintado a mão, 42,5 cm × 34 cm × 40 cm. Coleção particular.

Niki de Saint Phalle (1930-2002) foi uma pintora, escultora e cineasta francesa que viveu por 20 anos em Nova Iorque. Participou do Novo Realismo, movimento surgido na França na década de 1960. Suas esculturas, suas instalações e seus painéis carregam memórias de infância, sentimentos femininos e ideias sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea.

Usando cores fortes (metálicas e luminosas) e humor, Niki expressou em suas obras (compostas de representações de seres humanos e seres míticos) a rebeldia do Dadaísmo, utilizando diferentes materiais, como cacos, sucata, espelhos, plásticos e resina.

ARTE NA PRÁTICA

Inspirado nas obras de Fernando Botero, Gustavo Rosa ou Niki de Saint Phalle, escolha um tema e esboce em seu portfólio uma figura a ser modelada com massinha.

Arte cinematográfica 20

O estadunidense Thomas Alva Edison, em 1893, conseguiu gravar imagens fotográficas em um rolo de filme e reproduzi-las em movimento, por meio de um aparelho inventado por ele, o cinetoscópio (*kinetoscope*).

Cinema (do grego *kinema*, movimento) é a arte de produzir imagens em movimento. A denominação tem origem no cinematógrafo, máquina inventada pelos irmãos Louis e Auguste Lumière, por meio de um aperfeiçoamento do cinetoscópio. O cinematógrafo era um aparelho que registrava fotograficamente imagens sucessivas em uma velocidade superior ao tempo da persistência retiniana. Tais imagens, projetadas na mesma velocidade da gravação, produziam a sensação do movimento contínuo. O cinematógrafo foi precursor da filmadora e permitiu, pela primeira vez, a projeção de imagens em movimento para uma plateia.

Foi com um trem invadindo a sala de projeção que nasceu o cinema. O filme *A chegada do trem à estação* foi exibido pelos irmãos Lumière em 28 de dezembro de 1895.



© Wikimedia Commons/Fotografia de domínio

Versão de 1895 do cinetoscópio em uso, mostrando os auriculares que conduzem ao fonógrafo dentro do gabinete.



Ilustração digital, 2014.

Hoje, a velocidade de filmagem e projeção é padronizada em 24 fotogramas (pedaços de filme) por segundo.

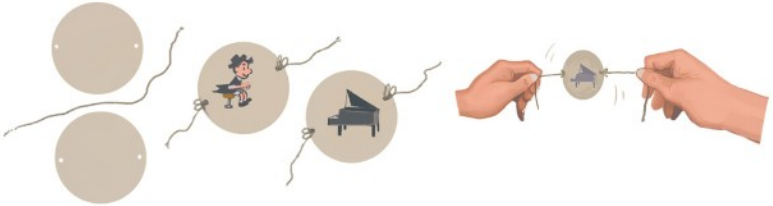
Taumatrópio

O taumatrópio foi um dos primeiros brinquedos ópticos. É baseado no fenômeno da persistência retiniana, isto é, a fração de segundo em que a imagem permanece na retina. Graças a essa propriedade dos olhos, o cinema tornou-se possível. O taumatrópio foi inventado pelo inglês Peter Mark Roger, em 1826.

ARTE NA PRÁTICA

Como fazer um taumatrópio

Recorte dois círculos de cartolina e desenhe imagens que se complementam, uma em cada círculo. Depois, cole um no outro, deixando entre eles um barbante, como indica a figura a seguir. Gire e veja o que acontece.



Como fazer um *flipbook*

Reproduza (em fotocópias) e recorte os desenhos a seguir.



Cole-os no canto superior externo de seu caderno, como mostra o desenho. Não se esqueça de observar a sequência. Depois, é só folhear rapidamente.



Ilustração: Ragone. 2014. Digital.

O fenacistoscópio e a ilusão de movimento

Inventado em 1832 pelo físico Joseph Plateau, o fenacistoscópio é um aparelho que gera ilusão de óptica. Como criá-lo?

Acompanhe a explicação, observando a ilustração a seguir.

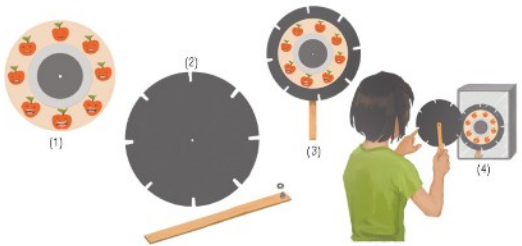


Ilustração: Raposo, 2014. Digital

Desenhe, em um disco de cartolina, uma sequência de imagens (1). Em seguida, coloque o disco desenhado sobre outro disco, um pouco maior, com perfurações (2). Depois, fixe os discos com um alfinete, pelo centro, em uma haste de madeira (3). Ao girar o disco, as imagens se juntarão, dando a impressão de movimento. Gire o disco diante de um espelho, observando por uma das aberturas (4).

Animação

Stop motion 21



Stop motion é uma técnica usada para fazer animação com objetos em repouso, por exemplo, personagens feitos de massinha. Para isso, é preciso filmar os personagens parados e, em seguida, pressionar o botão *pause* da câmera. Então, remodelar cada figura, soltar o *pause* e filmá-los novamente, quadro a quadro, sucessivamente.

Para a criação dos personagens, podem ser utilizadas massinha escolar, massa caseira feita com farinha, argila ou massas existentes no mercado, como epóxi, plastilina, *baking oven*, de molde a frio, à base de óleo, de calafetagem, etc. Também é possível empregar palitos para dar sustentação aos bonecos e sucatas para criar detalhes.

Um mundo tridimensional: o corpo humano

Segundo Auguste Rodin, escultor francês, é muito simples modelar um busto. Basta colocar um ovo (ou uma forma oval) sobre um cilindro e dois cones, um de cada lado.

Veja, nas imagens a seguir, como posicionar esses três elementos básicos. Lembre-se de marcar as linhas para os olhos, o nariz e a boca. Em seguida, faça a cavidade das órbitas e as orelhas como um pequeno ovo achatado de cada lado. Depois, complete os olhos. Preencha as órbitas com duas bolinhas, contorne-as e coloque as sobrancelhas com tirinhas cilíndricas. Da mesma forma, com tiras cilíndricas, faça o contorno da boca.

Para moldar um corpo em pé, são necessários três cilindros (tronco e braços), três cones (cabeça e pernas) e uma base que servirá de apoio.

Para fazer uma imagem de um corpo sentado, será necessário um bloco de argila para a base e um cilindro três vezes maior do que a base escolhida para "sentar" a figura. Observe os modelos.



Regiane, 2014. Digital.

ARTE NA PRÁTICA 22

Esboce, no quadro a seguir, o desenho de uma figura tridimensional, inspirada em uma das obras de Gustavo Rosa reproduzidas neste livro, inclusive as do material de apoio. Modele-a com massinha ou argila. Depois, explore o universo cheio de humor do artista para criar seu próprio roteiro de um curta-metragem, utilizando a técnica do *stop motion*.

Cinema brasileiro 23



Quatro selos dedicados ao cinema brasileiro mostrando Adhemar Gonzaga, Carmem Miranda, Carmem Santos e Oscarito, 1990.

Em meados de 1910, apesar das dificuldades técnicas e econômicas, o sonho de fazer cinema no Brasil começou a tornar-se possível com o trabalho do cineasta carioca Luiz de Barros (1893-1982), um dos pioneiros na produção do cinema nacional.

Na década seguinte, destacam-se a obra do mineiro Humberto Mauro (1897-1983), que fez 260 filmes ao longo de sua carreira, e o cinema jornalístico do carioca Adhemar Gonzaga (1901-1978). Gonzaga fundou, em 1930, a Cinédia, primeiro estúdio nacional de grande porte. Nessa época, o cinema falado, os musicais e as chanchadas dominavam as salas de projeção.

Já nos anos de 1940, a primazia foi das chanchadas, filmes que apresentavam tramas simples, música, dança e humor, muitos deles produzidos pelos estúdios cariocas da Atlântida. Essa combinação resultava em lucro certo. Alguns grandes artistas tornaram-se símbolos desse momento, entre eles, Grande Otelo e Oscarito. Filmes como *Matar ou correr*, *Nem Sansão nem Dalila* e *Carnaval Atlântida* são exemplos de irreverência.

O fim da década de 1940 e o início da década de 1950 caracterizaram-se pelo processo de modernização do cinema nacional. As novas conquistas tecnológicas fizeram surgir companhias de cinema, como Vera Cruz, Maristela e Multifilme, as quais trouxeram técnicos estrangeiros para melhorar a qualidade das obras. No entanto, em razão da falta de prestígio do cinema brasileiro no mercado cinematográfico e do custo muito elevado de produção, o cinema passou por um momento difícil no país. Apesar do sucesso de *O cangaceiro*, filme de Lima Barreto, de 1950, ganhador de dois prêmios internacionais, o modelo de produção industrial de cinema nacional dessa época fracassou.

Em termos de linguagem, uma das fases mais expressivas do cinema brasileiro ocorreu a partir de 1960, quando surgiram os filmes de Glauber Rocha, Leon Hirszman, Nelson Pereira dos Santos e Ruy Guerra, representantes do movimento conhecido como Cinema Novo. Esses trabalhos iam na contramão da busca por mercado e tentavam captar as contradições da sociedade brasileira. A frase que mais simboliza o período foi escrita por Glauber: "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça".

Material de apoio

Página 25:



ROSA, Gustavo. *Pássaro*. 2006. 1 óleo sobre tela, color., 50 cm × 40 cm. Coleção particular.



ROSA, Gustavo. *Malhação*. 2011. 1 óleo sobre tela, color., 100 cm × 80 cm. Coleção particular.